

Resenha: **Poder do Lixo – Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos**, organizado por Carmen Rial et al. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, 432 p.

Damaris **Rosabal**<sup>1</sup>

O livro “*O poder do lixo: Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*”, organizado por Carmen Rial e publicado no Brasil pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 2016, é uma obra que explora numa visão antropológica as relações existentes entre a sociedade e o que comumente conhecemos como “lixo” (essencialmente resíduos sólidos), num contexto de sociedade de modernidade tardia.

A obra trabalha com quatro tendências de análise dos resíduos sólidos num mundo contemporâneo: (a) abordagens simbólicas – se procura compreender como as pessoas veem o lixo; (b) ecologia política – se aprofunda nas relações entre o lixo e as desigualdades sociais; (c) abordagens críticas – se faz uma autocrítica sobre a investigação nos resíduos sólidos e (d) os estudos de modos de vida – se estuda a forma como as pessoas procuram ter acesso a recursos econômicos por meio do tratamento de resíduos. O fato de trazer essas quatro abordagens é de uma riqueza imensa, permitindo exploração holística da temática.

O livro, para além da Introdução escrita pelos antropólogos Freek Colombijn, da Universidade Livre de Amsterdam, e Carmen Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina, é composto por três capítulos: (i) catadores, os heróis da reciclagem, (ii) reciclagem, reaproveitamento e estilos de vida e (iii) novos resíduos sólidos: E-waste e nuclear.

Na introdução, Rial e Colombijn fazem a descrição do marco conceitual e teórico que é perpassado por conceitos vários que dão corpo às análises realizadas. Se abordam os conceitos de pós-modernidade, sociedade pós-industrial, obsolescência programada, capitalismo, sustentabilidade, norte e sul global entre outros, que estão

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. Email: [drosabal@gmail.com](mailto:drosabal@gmail.com)  
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-0413-3092>

temporalmente situados no século XXI e que dialogam com um dos desafios maiores enfrentados nos nossos tempos, o lixo e a nossa relação com ele, como indivíduos e como sociedade. Se identifica uma fluidez na fronteira entre o que é lixo e o que não é lixo, o que é puro e o que é impuro. No livro, citando Douglas se problematiza esta questão “*A sujeira absoluta não existe: ela existe aos olhos do observador. [...] A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente*” (Douglas, 2002 [1966]: 2). *De acordo com Douglas, nada é inerentemente sujo e as coisas só são consideradas poluentes quando são “matéria fora do lugar”, isto é, “elementos inapropriados” em um esquema de classificação* (Douglas, 2002 [1966]: 44). Penso que ela descreve toda a alma do livro nessa comunicação e fluidez tratada na obra, entre o simbólico, os estilos de vida, as posições políticas e a luta pela sobrevivência.

O primeiro capítulo “Catadores os Heróis da Reciclagem” é composto por dois artigos que trazem experiências diferentes e comparáveis ao mesmo tempo. O primeiro artigo, escrito por Freek Colombijn e Martina Morbidini, faz uma análise comparativa entre os catadores do Brasil e os da Indonésia. O foco do artigo, segundo os autores e as autoras, consiste em tratar o lixo como um recurso econômico, o status social de catadores e um terceiro enfoque sobre a sua contribuição para a limpeza das cidades. Nele também se analisa a questão tendo como base as suas estruturas organizativas não só como catadores individuais ou pertencentes a cooperativas, mas também relativamente às relações existentes com o sistema de gestão e tratamento de resíduos formal. No artigo é interessante como se observa que existe uma fronteira muito tênue entre o que é classificado como lixo e não lixo, esta fluidez na fronteira também se observa entre os sistemas de tratamento de lixo formal e informal que interagem e se complementam em certa forma (*o ciclo de tratamento e gestão tem diferentes atores como empresas público-privadas, o estado, o privado formal, o informal dentro do formal de catadores*). Nessa complexidade de atores, os investigadores e as investigadoras identificam um conflito ao fazer a comparação dos sistemas entre Brasil e Indonésia. No Brasil, se identifica uma maior organização dos catadores e das catadoras em cooperativas, o que leva a maiores lucros. Isso não se observa na Indonésia, onde a não existência de cooperativas e a necessidade de lidar com mais intermediários faz com que os catadores, dependendo da sua colocação na cadeia de valor do lixo, tenham menos lucro, resultante da sua atividade econômica. Entretanto,

segundo os autores, “em Belo Horizonte, a taxa de reciclagem é menor do que em Surabaya, precisamente porque a coleta de resíduos e o papel dos catadores é mais formalizado” (Colombijn; Morbidini, 2016), o que indica que a formalização e melhoria das condições de trabalho neste contexto levaria a um aumento de custos e uma diminuição na taxa de reciclagem, o que entra em conflito direto com o custo da sustentabilidade ambiental, associada à formalização.

Já no segundo artigo deste capítulo, Morbidini problematiza a estigmatização dos catadores tanto do ponto de vista físico (catadores não vivem nas zonas centrais da cidade) como do existencial, dada a sua proximidade ao lixo e o poder simbólico que este tem na sociedade brasileira. Segundo a autora, “Trabalhar em contato direto com o lixo corresponde, portanto, a uma posição de marginalidade na sociedade moderna” (Morbidini, 2016). Tendo essa problemática como pano de fundo, o artigo analisa as estratégias da ASMARE, que é uma cooperativa de catadores utilizada para superar esse estigma. A estratégia descrita está centrada na comunicação com a classe média e média alta, através de discursos ambientalistas e da arte. Para promover a comunicação, foi necessário, segundo a autora, “domesticar” o lixo. Essa estratégia trouxe alguns conflitos, entre o que seria a visão dos artistas e de um posicionamento político e a visão da ASMARE, para a necessidade de domesticação do lixo para aceitação e diminuição do estigma. A autora conclui que os catadores do ASMARE estão a contribuir para uma mudança de paradigma, não só em relação à sustentabilidade ambiental, mas também relativamente ao estigma social por eles enfrentado. Além disso, se reconhece e não se perde o foco na importância da condição de rendimento que o lixo traz no contexto atual.

“Reciclagem, reaproveitamento e estilos de vida” dão nome ao segundo capítulo do livro, este que está centrado fundamentalmente em trabalhos realizados durante estâncias por pesquisadores na Holanda e trabalho de pesquisa realizado no Brasil. O capítulo oscila entre as experiências brasileiras e holandesas, ou seja, oscila geograficamente, mas também oscila temporalmente, dado que viajam ao longo do tempo (anos 1980 a 2000...) trazendo perspectivas diferentes entre a relação existente com o lugar, os grupos estudados e a sua relação com os resíduos. Neste capítulo o diálogo existente entre a abordagem simbólica, a abordagem de ecologia política e estilos de vida, é constantemente ressignificado, criando um fluxo de comunicação entre

as diferentes abordagens. O capítulo inicia com um artigo que trata de explorar as percepções dos emigrantes brasileiros na Holanda, sobre a gestão dos resíduos sólidos e os próprios resíduos sólidos, tendo como ponto de partida que *“o que é lixo e como este deve ser descartado varia de acordo com o contexto sociocultural, e deve ser entendido em relação ao processo de consumo”* (Assunção, 2016). As dificuldades encontradas na separação do lixo e os “complexos sistemas do país” chocam com a noção que as pessoas têm de seu lixo e a sua percepção de “economizar”, onde dialogam e estilos de vida com o posicionamento dos emigrantes perante o que se considera lixo e não.

O artigo escrito por Carmen Rial nos traz vivências da construção de um *ethos* político ecológico, com a reutilização de materiais de construção na Lagoa da Conceição do final dos anos 1980, e como isso contribuiu para a construção de todo um estilo de vida, tendo como conceitos e práticas centrais dessa construção do *ethos*. Citando a autora *“O “despojamento”, a “circularidade”, o “antigo”, o “artesanal” e a valorização positiva do “esforço” físico, o “único”, o conhecimento da “origem ou da história” do objeto eram alguns dos temas recorrentes em suas conversas sobre como o espaço deveria ser construído”* (Rial, 2016).

No terceiro artigo, Rocha explora as convergências entre alimentação e meio ambiente a partir das práticas de imigrantes transnacionais em Amsterdã, onde as preocupações relativas ao impacto das práticas alimentares e a modelagem dos estilos de vida em função dessas práticas ganham destaque nas análises. Hellebrandt trabalha muito com o conceito da obsolescência programada e como ele é incorporado ao cotidiano. Com Schneider e Almeida, regressamos ao Brasil, entrando na reciclagem de resíduos orgânicos. O artigo nos leva a refletir sobre o poder simbólico do lixo e como diversas iniciativas em contextos sociais diferentes levam a estabelecer novas simbologias, criando novas relações e noções sobre a reutilização de resíduos orgânicos. Andrea Eichenberger nos leva a problematizar a relação que se tem com o lixo através da arte. Por meio de diversos artistas, são expostas perspectivas críticas sobre essa relação, discutindo a sua simbologia e o posicionamento político dos artistas relativamente à temática. Neste processo, a pesquisadora trabalha com a constante necessidade de invisibilizar o lixo e citando Bauman (2013) *“mostra que o lixo é um produto da sociedade de consumo, onde nada está autorizado a durar mais do que deve”* e deve ser descartado da vista dos indivíduos. Este artigo conversa com outros,

sobre as percepções existentes sobre o lixo e quando esta deixa de o ser, para se transformar numa obra de posicionamento político. O capítulo termina na Holanda, num artigo que analisa a narrativa dos moradores das casas barco e a sua relação com o lixo, mediante o zelo que eles têm com o meio que os circunda, a água.

Por último, o livro adentra no novo lixo, o E-waste, que tem intensificado o fluxo de lixo entre o Norte e o Sul Global, o lixo nuclear entre outros novos lixos ou todo o processo burocrático criado a volta do lixo ou “lixos”. As análises são feitas com várias realidades e contextos culturais diferentes. No processo, são analisadas, as vivências de pessoas expostas ao lixo nuclear em Goiânia, o processo evolutivo da relação com o lixo dos indígenas Matís e Guaranis, as experiências relacionadas ao E-Waste e os fluxos criados na deslocalização geográfica do lixo e finalmente os processos burocráticos criados para o descarte de restos genéticos e humanos no Brasil. O que mais chama atenção fundamentalmente no primeiro artigo sobre o lixo nuclear é como, no caso do desastre, a pronta necessidade de limpar, invisibilizar, impermeabilizar, fazer desaparecer o lixo nuclear leva consigo toda uma vivência das pessoas que viviam no lugar, onde se transformam memórias em lixo radiativo. As suas memórias e existências são apagadas e invisibilizadas, tornando-se elas mesmas radiativas, num contexto de luta nacional para gestão de um cenário de desastre nuclear e de afirmação de uma nação como capaz. Neste processo, o lixo perpassa as políticas públicas, a vida das pessoas e se assenta na construção de um sentimento nacionalista. O que chama atenção do terceiro artigo é o posicionamento diferente dos Matís e dos Guaranis, frente ao lixo, enquanto os primeiros se posicionam como consumidores/produtores e o seu enfrentamento a uma nova realidade que exige a necessidade de gestão desses resíduos, os segundos vivem e dependem do lixo, isto num contexto onde lhes foi retirado todo o direito como cidadãos em que a própria luta pela sobrevivência é considerada ilegal, pondo em causa a sua própria existência.

Finalmente, durante a leitura da obra e apesar de haver uma separação “física” das abordagens por capítulos diferentes, se percebe que existe uma conversa entre as diferentes abordagens que perpassam toda a obra, onde por exemplo o simbólico interage com as outras abordagens e vice e versa.

A obra traz de forma comparativa experiências de gestão dos resíduos sólidos (lixo), no Brasil e na Holanda (Sul e Norte Global), fazendo incursões em outros países

como Indonésia e Paraguai. Nesse processo, se cria um diálogo entre o local e o global, o fluxo de circulação dos resíduos numa direção específica de Norte para Sul, trazendo para a conversa o conceito de globalização e o seu impacto, onde as vivências e percepções sobre o lixo, a simbologia, os mecanismos de gestão e a posição política viajam entre os diferentes contextos.

Os artigos que compõem o livro perpassam a gestão institucionalizada dos resíduos por grandes políticas públicas, dialoga com outros atores do ciclo de produção, gestão e tratamento do lixo tal como são os “produtores de resíduos/consumidores”, artistas plásticos, catadores, circulando entre uma fronteira difusa que se dá entre o início da informalidade e o fim da formalidade.

A complexidade do livro, no qual diversos conceitos são explorados, traz a fluidez tão necessária para análises com essas dimensões e com uma base profundamente heterogênea.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Liquid modernity*. Cambridge and Malden: Polity Press, 2000.
- COLOMBIJN, Freek; MORBIDINI, Martina. *Braço protetor ou mão invisível? Prós e contras da formação de cooperativas de catadores de lixo: uma comparação entre Brasil e Indonésia*. IN: Poder do Lixo – Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Organizado por Carmen Rial et al. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, p. 432.
- DE ASSUNÇÃO, Viviane Kraieski. *No “país do desperdício: analisando o lixo como cultura material entre imigrantes brasileiros na Holanda*. IN: Poder do Lixo – Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Organizado por Carmen Rial et al. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, p. 432.
- DOUGLAS, Mary. *Purity and danger: An analysis of concept of pollution and taboo*. London & New York: Routledge, 2002 [1966].

MORBIDINI, Martina. “*Catador cidadão; trabalho digno*” *estratégias de superação do estigma adotadas pelos catadores de material reciclável em belo Horizonte, Brasil*. IN: Poder do Lixo – Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Organizado por Carmen Rial et al. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, p. 432.

RIAL, Carmen. *Trenchtown : reaproveitamento e autoconstrução no ethos ecologista*. IN: Poder do Lixo – Abordagens antropológicas dos resíduos sólidos. Organizado por Carmen Rial et al. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016, p. 432.

Recebido: 02/09/2020

Aprovado: 08/12/2020